

Experiências e Estudos de Cultura Popular

Jerusa Pires Ferreira

In: *Seminário Folclore e Cultura Popular: as várias faces de um debate*. Instituto Nacional do Folclore, Coordenadoria de Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro, IBAC, 1992, p.51-56.



O que é muito bom quando nos reunimos é que cada um traz a sua experiência, e sempre se tem um 'gancho' para ir ligando umas coisas às outras; porque o que se transmite num encontro desses é um fragmento muito curto de experiência. De repente, é um recorte em que se fala de algum trabalho que se está fazendo, e que se desloca de uma lógica que preside a todo o conjunto. Fica valendo, nesses casos, sobretudo a possibilidade de relação com outras Experiências, que nos fazem reforçar nossos pontos de vista ou rever posições, acrescentar novos dados.

Vou aproveitar a fala da Laura, quando se refere ao tema bruxas/feiticeira, para dar notícia do meu atual conjunto de investigação. Estou trabalhando com o *Livro de São Cipriano*, a editoração popular que envolve este e outros livros no Brasil, o tema conexo do 'Fausto', os 'Faustos' populares que formam uma

verdadeira malha, e têm a ver com os livros de feitiçaria e com os antigos tratados de magia. Meu tema envolve a reflexão sobre feitiçaria e magia, o conhecimento das culturas populares tradicionais, e não apenas isso. Introduce-se um outro elemento, para além do popular tradicional, quando se fala das edições populares em larga escala, e que apontam para a cultura de massa. É sempre muito difícil estabelecer um limite, uma definição, até onde vai aquele popular, que seria conservado dentro de um certo 'purismo', e até onde avança em direção à sociedade complexa, rumo ao processo industrial.

Na minha pesquisa, é a própria produção dos livros populares, seu conjunto textual, que os vão definindo como um popular de outro tipo. Este conjunto pertence ao que costumo situar como 'cultura das bordas', envolve uma extensa poligrafia, uma rede de editoras populares que difundem textos em larga escala, e vão ganhando sempre novos públicos. Elas operam contínuas mistificações, costumam oferecer um colcha de retalhos para leitores populares, apóiam-se naquilo que denominei de 'prática da tramóia', conforme direi adiante mas apóiam-se também no resgate de práticas correntes e antigos repertórios.

Chamo de cultura das bordas e não das margens, por exemplo, para não fazer incidir a noção pejorativa, ou mesmo reversora, de marginal ou de alternativa. Por bordas quero enfatizar a exclusão do centro e das pontas, aquilo que fica numa faixa de transição entre uns e outros, entre as culturas tradicionais de tipo arcaico, a literatura oral, as narrativas reconhecidas e transmitidas como folclore, e aquela produzida e veiculada pelos grupos que detêm a maior atualização e prestígio, a chamada cultura das elites, ou mesmo a cultura de massa, voltadas para públicos de maior instrução e poder aquisitivo.

As definições

Apesar de estar rotulando para poder situar o objeto de estudo, já estive muito mais preocupada do que agora em definir em si mesmos cultura popular, folclore; a questão conceitual, a validade dos limites. Agora é o próprio objeto que vai fornecendo os parâmetros, fazendo com que se processem os conceitos, e aí vamos estabelecendo, para uso, aquilo que nos parece mais adequado.

Popular - erudito (?)

Uma vez, preparando um simpósio sobre "Cultura Popular – Erudita" para uma reunião científica – éramos pessoas de diferentes áreas: letras, antropologia, comunicação –, ficamos discutindo e, de repente, nos surgiu bem clara a denominação que daria rumo ao trabalho: *A luta das passagens*. Pudemos então entender que de nada serviria o binômio proposto. Passamos a discutir a questão dos limites, a noção de classe social e de como nos servíamos dela, o uso do modelo gramsciano e onde é que se instalam as dificuldades diante da produção massiva, dos novos meios, por exemplo.

No meu trabalho sobre literatura popular, *Cavalaria em cordel* (São Paulo, Ed. Hucitec, 1979), eu, que estudava novelas de cavalaria em literatura erudita, que fazia passagem pela antropologia e pelas ciências sociais, e que tinha cursado os Seminários de Urbino, pude constatar a importância de conceitos da semiótica para a pesquisa em literatura popular. Pude encontrar grande apoio em noções fundamentais como a de intertexto e a de matriz, que vinham completar lacunas trazidas pelo conceito de fonte ou acompanhamento comparativo de temas, ou da simples relação texto popular-erudito, ou vice-versa. Surgiam aí muitas revelações quanto à oralidade e

escritura numa observação estrutural. Tentei assim acompanhar certas matrizes narrativas, observar a máquina de transformações, o modelo adaptativo, a tradução dos signos culturais que se realizava, quando se passava dos ciclos narrativos medievais para a linguagem poética do folheto nordestino.

Daí para cá, incorporando estas conquistas, fui avançando em vários territórios, porque a gente vai e volta, procura uma coisa, fica inquieta em relação a outras, a um conceito que antes nos serviu. Neste trânsito, a gente desabilita os folcloristas e a palavra folclore, sente vergonha dela, depois reabilita mantendo diferenças e perspectivismo, deifica os antropólogos e se concentra no conceito de cultura, instala e desinstala os historiadores, busca as linguagens. Vai vendo que é na nossa fala sobre os objetos que cercamos que vamos podendo avançar em nosso caminho de entender e explicar a arte, as culturas populares, sua relação com as culturas não populares.

Adiante, num outro seminário, onde se discutiam problemas de cultura e comunicação de massa, apresentei um texto que revelava este percurso. Chamei a comunicação de *Quero que vá tudo pro inferno*, que era também um pouco de tudo isto, sinal desta busca contínua. No trabalho, fiz a leitura de um ótimo poeta sergipano, Eneas Tavares Santos, e da sua *Carta de Satanás a Roberto Carlos*, um dos *best-sellers* da poesia popular que se produz em São Paulo, na editora Luzeiro. Esta editora recebe os originais de poetas populares nordestinos, edita-os de modo industrial, com vistosas capas policromas, para gosto de seu público e desgosto dos folcloristas mais conservadores, e os devolve ao Brasil rústico e também às capitais onde haja concentração de nordestinos. Neste estudo (revista *Comunicação e Sociedade*, nº 13) procuro analisar a relação do poeta popular com os novos meios, com a modernização, e constato que, em

nenhum momento, o poeta se queixa da modernização, de haver guitarras elétricas, de haver cabeludos etc. Em nenhum momento seu universo é conservador ou anti-histórico, no sentido de não aceitar a modernização. De fato, sua queixa se apóia em rigoroso sentido da 'realidade' social: pede a Roberto Carlos, por favor, que não mande ninguém mais para o inferno, por extrema dificuldade de alimentar tantas bocas. Adapta os antigos blocos narrativos à temática nova, a um novo léxico, que passa a valer.

O livro de São Cipriano

Neste trabalho estudei um livro de feitiçaria *O Livro de São Cipriano*. Embora eu não seja especialista em religiões populares, trabalhei com um livro que reúne o mundo das tradições populares as mais sedimentadas, que incorpora os rituais mais arcaicos, as razões míticas e as narrativas mais estabilizadas, fazendo sua adaptação de texto móvel e ao mesmo tempo estável, possível para o mundo da sociedade industrial, para o universo das grandes cidades, em cujas periferias tem intensa acolhida

Chamei de 'uma legenda de massa', e procurei cercar de todos os conhecimentos possíveis ao seu entendimento e à explicitação de suas razões. Eu sabia que mesmo tendo a ver com a Inquisição não era este o tema central, também com a umbanda que, como passei a saber, encampa e faz possível a força desta tradição hagiográfica medieval, e assim também os livros de magia da tradição européia, o Fausto com o qual mantêm estreita conexão. Era tudo isto junto, o estudo da narrativa cristã dos martírios, o corpo de saberes populares, que fazem do livro de São Cipriano uma espécie de almanaque ou 'repertório', onde se alternam fórmulas, preceitos, receitas e

conselhos. Tudo isto, como pude ver, explica sua permanência e força na América Latina e no Brasil de hoje.

Com este trabalho fui avançando também na observação do que acontece com a memória popular, no caminho de mão dupla da oralidade-texto impresso e ao contrário. Pude ver como a oralidade preservada garante a sobrevivência de certos projetos editoriais e, ao mesmo tempo, são estes textos impressos que vão produzir novos relatos orais, e assim sucessivamente.

Vou aqui abrir um parêntese para contar um fato curioso: Um amigo editor e eu pensamos num projeto de editar livros de estudos sobre esses livros populares em co-edição com uma editora popular 'das bordas', algo assim como a Luzeiro, que edita além dos folhetos muitos livros populares como os de sonhos, manuais para aprendizagens várias, livros de piadas etc. Estaríamos assim pretendendo captar dois públicos: o de uma editora chamada de erudita ou de ponta, e o de uma editora que atende a um público definido como de periferia ou de rodoviária. Levamos os originais à editora popular, esperando que o editor do Brás fosse ficar lisonjeado e contente com a proposta de co-editar um estudo 'erudito' sobre os seus livros populares. Que ingenuidade era a nossa! É claro que não poderia se interessar, pois para ele não contam as nossas editoras, assim como não lhe comoveu a proposta de que faríamos a cobertura em nossos jornais, que não atende ao seu público que a eles não tem acesso.

Não tínhamos nos dado conta de que, em média, uma tiragem nossa seria de 3.000 exemplares, contando com o sucesso, e a deles, facilmente, ultrapassa os 100.000, que vão se renovando sucessivamente. Percebemos que eram dois mundos muito diferentes que não se poderiam confrontar e que 'as trocas simbólicas' deveriam

passar por outros canais.

No caso do *Livro de São Cipriano*, ele é um dos fenômenos mais importantes da editoração popular brasileira. Fiz um levantamento no Brasil e no México, principalmente, e dá para apontar a variedade infinita do produto, o alcance junto ao público, a julgar pela sucessão de edições e as amplas tiragens. Alguns dos títulos têm doze, dezoito, vinte e quatro edições seguidas, e as editoras vão fazendo uma espécie de sinfonia com o livro. Vão montando um texto móvel e desbordante, que traz para hoje a narração de antigas matérias, o mundo da umbanda, o conjunto de saberes e práticas populares. Num certo sentido é como o livro de areia (*Libro de arena*, de Borges) cuja fluidez assusta. Ao mesmo tempo, há nele situações invariantes que fazem com que ele seja simplesmente o *Livro de São Cipriano*. Essa produção industrial e a transformação dos materiais do repertório tradicional dentro deste conjunto de edições é o que estou tentando seguir.

Queria mostrar-lhes como um livro desses recupera aquilo que chamamos de folclore, de saber tradicional dos grupos populares e o adapta a novos registros, como se vai transformando e como a classe média vai tendo acesso a ele. Baseei minha observação em dois eixos: a idéia de um continuum-textual por um lado, e a de um crescente continuum-mediúnico do outro, a partir dos estudos de Cândido Prociópio. Pude ir vendo como este livro é encampado pela grande força da umbanda e de seus adeptos. Ele cresce assustadoramente, a questão de classes sociais vai sendo permeada, vai ondulando e o livro ganhando novos leitores. Que isto não pareça contradição com o que afirmei antes. É claro que existem universos bem demarcados, é claro que o tipo de produção difere daquela chamada produção culta ou do popular tradicional mas, do mesmo modo que no textual há o

que desborda e o que não varia, aqui nos limites desses universos há um certo ondeamento, algumas oscilações.

No *Livro de São Cipriano, o feiticeiro* (Ed. Eco) encontram-se, por exemplo, ilustrações de Blake, da Divina Comédia, reprodução de telas antigas com indicações falaciosas. Encontram-se nestes livros lendas que vêm do mundo hagiográfico, do martirologio, dos *Flos Sanctorum*, das narrativas cristãs da Idade Média, através da Legenda Áurea, tudo isto misturado, por exemplo, com um São Cipriano apocalíptico, do asfalto de São Paulo, que se queixa da poluição, das condições desagradáveis de vida na cidade grande.

Num desses livros, de repente, encontro, para meu susto, a *História da Imperatriz Porcina*, um daqueles *Cinco livros do povo*, apresentados e estudados por Câmara Cascudo, um dos temas mais vivos da narrativa popular portuguesa e brasileira. Aparentemente, não havia por que estar presente no *Livro de São Cipriano*. Sabemos que se trata de um ramo da célebre lenda de Crescência, que ocupou a imaginação da Idade Média na Europa. Em Portugal a Imperatriz Porcina foi descrita por Baltazar Dias, que deve ter conhecido a lenda popular vinda de França, cujo tema é o da mulher casta, aviltada e caluniada por seu cunhado. O conto situa-se entre 1135 e 1150, e a fábula contém o motivo da mulher acusada injustamente por um pretendente rechaçado e a confissão dos seus perseguidores. Segundo pude averiguar, existe na Alemanha a tradição do livro de Crescência no século XVI. Então a história continua sendo contada e, de repente, sem que você espere, aparece inteirinha dentro de um dos livros luso-brasileiros de São Cipriano.

É como se fosse formado um grande depósito de imaginário – essas histórias decantadas sendo retiradas daqui e dali quando os encaixes narrativos permitem ou mesmo a conexão temática o solicita.

É isso que esta indústria editorial reforça, quando edita, em vez de destruir. Ela retira, imprime, mistura, processa e devolve. Aqui a salvadora é Maria, que mostra à Imperatriz a erva milagrosa. Essa história que forma parte da legenda mariânica, no sentido mais amplo, encontrou difusão em muitas variantes. Diz-se que decisivo para a questão do argumento de Crescência foi o fato de que existiram versões paralelas orientais, havendo também uma versão árabe intercalada em *As mil e uma noites*. Penso na razão de se misturar tudo isto, a Imperatriz Porcina, o São Cipriano, o Fausto. É claro que há muitos pontos por onde amarrar toda essa escolha e essa montagem. A questão da tentação, do mito da salvação mariânica, em que Nossa Senhora, ou seja, a Compadecida dá a salvação, o unguento mágico, o bálsamo salvador. Na própria seqüência deste livro de São Cipriano, o autor aproxima a história da Imperatriz Porcina das cantigas de Santa Maria, de Afonso o sábio.

Um texto como o de Molina (*São Cipriano*, Rio de Janeiro, Ed. Espiritualista; encontrei ainda uma edição portuguesa do mesmo livro) trata de assuntos como as cantigas de Santa Maria, de Afonso X. Muitas das coisas narradas pertencem àquele metaconhecimento que o público leitor está entendendo; outras não, mas elas estão ali para segurar o antigo repertório, uma permanência longínqua, que se aviva neste momento narrativo, quando o autor diz assim:

"Apresentamos aqui uma versão puramente medieval". Referindo-se a seus leitores comenta: "qualquer filólogo ou lingüista reconhecerá que a sintaxe e o vocabulário são medievais sem tirar nem pôr. E se quiserem investigar mais profundamente o caso, verão que a versão tal qual a damos aqui não é encontrada em nenhum livro antigo. Noutras palavras, o tema é antiquíssimo, porém a redação que apresentamos não é". Passa o autor a discutir e a estabelecer

critérios, como se o público visado fosse de lingüistas e de filólogos, como se ele preparasse uma edição crítica, partindo do princípio de que seu público estaria preparado para entender uma linguagem assim: "Senhora, não é desta guisa que um homem se confessa; mandai-me antes buscar um ermitão, disse a dona espantosa."

Um dos capítulos do meu trabalho sobre o *Livro de São Cipriano* se chama *De Antióquia a Bonsucesso*, porque aí, no Rio de Janeiro, está uma importante editora que atende a esta cultura das bordas, a Editora Palas. Procurei explicar como o que está em causa não é se o leitor vai decodificar ou não o universo medieval, certas informações, algumas linguagens. O importante a seguir é que há sempre um ponto longínquo, onde ele amarre as suas referências, ancore sua memória em sua vivência.

Um texto mexicano

Os textos mexicanos do *Livro de São Cipriano* (apesar do sempre móvel mas estável núcleo comum de que já falei) diferem fundamentalmente dos brasileiros, com chamadas altas para vingança, pacto, sangue; são retoricamente mais fortes do que os brasileiros, trazem uma multiplicidade de orações, até em catalão. Analisei uma seqüência de um destes textos mexicanos e chamei de *A decifração mágica dos signos*. A letra misteriosa que aparece aí, não decifrável para leigos, permite um clima de ritual, em que se identificam os iniciados nesse livro. Dá-se ao leitor a noção de participação iniciática, procura-se envolvê-lo no processo de decifração mágica do signo. O autor disse que o livro estava escrito em hebraico, em criptolinguagem mas que "com grande admiração pude ler o escrito com a mesma facilidade com que lesse um livro no meu idioma". Diz ter voltado

várias folhas e ter achado desenhado um dragão e uma cabra, em atitude tranqüila, colocada esta sobre aquele. A cabra tinha trançados sobre os joelhos uns hieróglifos que diziam "arte". É extraordinária essa aproximação, e mais, o texto parece adquirir uma dinâmica interna, só conseguida por alguém que maneje muito bem o ofício de escritor, a mestria de narrar e de construir linguagem. Diz ainda o autor: "Tudo parecia estranho e ao mesmo tempo familiar, à medida que eu olhava. Todavia me estava sendo reservada a maior das surpresas: o dragão e a cabra começaram a animar-se, a mover os olhos, a aumentar de tamanho e finalmente saindo do livro, se prostraram diante de mim dizendo com voz humana: "sou seu servo; manda e serás obedecido".

Essa animação, esse trânsito de signos visuais, de símbolos transformados em personagens vivos saltando do texto é conseguido com grande perfeição, e eu chego a ver nessa poética uma realização alta do fazer literário. Aqui não se pode falar de popular ou de não popular, mas de um texto primoroso contido num livro de magia, recriado e transmitido. Diz porém o 'autor' adiante que, com a intenção de estar precavido para as contingências do futuro, procurou tirar uma cópia do conteúdo do livro, cujo título na portada é: *Tratado completo de verdadeira magia ou o tesouro do feiticeiro*. Dedicou-o ao novo adepto das ciências desconhecidas (não fala de ocultas), e coloca embaixo a assinatura de Lúcifer, atendendo aos apelos desta busca de mistificação que se dirige ao popular. Apesar de aí se advogarem as práticas de feitiçaria, a ordem é a conversão ao cristianismo, o sincretismo, o jogo entre as forças do bem e do mal, tendendo à vitória do bem. Neste texto há uma profusão de sinais, objetos, talismãs, amuletos, páginas inteiras que tratam de objetos em suas variedades, varas mágicas, varas de castigar demônios etc. São

saberes que têm uma especificidade que nós perdemos; por exemplo, o nome da varinha feita para castigar demônios é "vara boleante" ou "férula fulminante". São semânticas que a vida cotidiana desgasta e leva, mistérios que perdemos. Desfilam neste texto páginas inteiras dando nomes a coisas, varas mágicas, bastões, facas, descrição e imagem, toda esta parafernália descrita e mostrada, que vão envolvendo o leitor e se encarregando de introduzi-lo como iniciado naquele mundo, Assim, tem grande relevo a parte que trata dos vestidos mágicos; lembramos dos irmãos Grimm e de suas recolhas de contos de fadas. Tudo isto tem a ver com eles, as receitas de como preparar estas vestes inconsúteis, as fórmulas das tintas, os fios de ouro, de prata, as palavras gravadas, os caracteres. Há além disso toda uma necessidade do visual, da representação gráfica e uma constante tradução de linguagens. A composição da tinta com a qual se assinará o pacto merece aqui um tratamento detalhado. Recomenda-se que os pactos não sejam escritos com tinta ordinária e pede-se para mudar a tinta cada vez que se faça um novo chamamento. A presença também do signo de Salomão, o anel, as estrelas, as cores, as formas, os talismãs caracterizam esta arte que se faz transmitida e presente. Evocando a capacidade de entrever, de sonhar, de compreender que os mistérios são feitos de minúcias e que a vida aponta para a eternidade, se composta por rituais, na expressão de seus signos.

E aí o livro fica aberto ao infinito, porque além de tudo ele é móvel, aglutina outros saberes e reúne mais narrativas.

Quando destaquei para ler com vocês o texto de um *Livro de São Cipriano* quis pôr em relevo a qualidade deste texto, a complexidade desta criação ou recriação. Com este realce não quero significar, no entanto, uma admiração incondicional a todos os textos, ou fugir a

uma discussão muito delicada, que a partir do fenómeno desses livros se faz inevitável. É a questão do engodo, da mistificação e do abuso de tiradas sensacionalistas e carregadas de embuste. A própria avaliação dos produtos que se destinam aos leitores populares, em que procuro processar a relação entre o 'imposto' e a demanda, que se assenta nos repertórios e no conjunto de crenças e expectativas.